VIDA NA OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE

LIFE IN THE MARIO DE ANDRADE'WORK

Neides Marsane John Bolzan[1]

Lúcia Sá Rebello[2]

RESUMO

Este artigo objetiva tratar da fortuna crítica de Mário de Andrade, relacionando-a a duas produções que foram construídas de forma inovadora e que por isso despertaram curiosidade para serem pesquisadas: o idílio *Amar, verbo intransitivo* e a rapsódia *Macunaíma.* A intenção é lançar um olhar sobre essas obras sob uma perspectiva perene, a fim de irradiar a vida que nasce delas. Para realizar essa reflexão, tem-se o contexto no qual foram escritas as obras, a teoria psicanalítica de Freud, para embasar a primeira das obras, e a teoria sobre mitos, para fundamentar a segunda.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade. Fortuna Crítica. Psicanálise. Mitos.

INTRODUÇÃO

O romance psicológico brasileiro representa um marco dentro da história da literatura, uma vez que reflete e insere em seu contexto o resultado de descobertas científicas, ao mesmo tempo em que desconstrói tudo o que até então havia de referência. O Modernismo é esse marco, e um nome de peso entre os pensadores desse período é Mário de Andrade, autor de dois romances que retratam esse contexto de mudança, sendo por isso, pouco compreendidos, mas que ora são objetos de reflexão.

O primeiro deles, *Amar, verbo intransitivo* (1927), foi considerado pela crítica "como uma ficção que meramente se destinava a difundir as escandalosas descobertas de Freud a respeito da sexualidade" (GONÇALVES, 2006, p.117), porém não foi apenas essa temática que ele desenvolveu, demonstrou também interesse pelas descobertas sobre o inconsciente e pela cultura brasileira. Já o segundo, *Macunaíma*, segundo Lafetá, deixou a crítica literária "um pouco perplexa e dividida diante do livro" (LAFETÁ, 1990, p.82): alguns "mostraram-se entusiasmados", como Oswald de Andrade e Alcântara Machado e, Alceu de Amoroso Lima,

[1] Graduada em Letras; pós-graduada em Letras; Mestre em Letras: Literatura Comparada; Doutoranda em Letras: Literatura Comparada pela UFRGS. E-mail: neidesmjbolzan@bol.com.br

[2] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, na UFRGS. E-mail: lucia.rebello@terra.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

embora percebesse a importância da obra, escreveu um "longo ensaio" fazendo "várias restrições": não é "romance, nem poema, nem epopeia", parece "antes um coquetel descaracterizante." (LAFETÁ, 1990, p. 82). Foi nessa obra que Mário de Andrade aproveitou seu conhecimento sobre mitos indígenas e folclore brasileiro, o que o tornou um escritor conhecido mundialmente.

Com relação aos personagens, em *Amar, verbo intransitivo* houve reaproveitamento de uma estrutura existente no mundo real que passou a atuar no ficcional, passando, assim, a impressão ao leitor de que a obra não é ficção, mas realidade. Em *Macunaíma*, o personagem principal é construído a partir do recorte de mitos e lendas brasileiros, porém misturados, sem caracterizar nenhuma região, dando a impressão de que a obra é pura ficção, no entanto ela tem muito de realidade.

Então, em razão de ambos os textos serem provocadores de reflexões acerca de sua estrutura, que joga com o real e o imaginário, é que se unem na presente análise.

FORTUNA CRÍTICA

Mário de Andrade foi um leitor incansável de obras clássicas, de teorias mundialmente respeitadas, de pesquisas científicas, foi musicólogo. É considerado produtor de profundo saber, e consagrou-se nacional e internacionalmente um intelectual orientado a questões relacionadas à identidade brasileira. As obras dele são estudadas em virtude das múltiplas possibilidades de interpretação e relação com assuntos intertextuais, e também porque enfoca os marginalizados pela sociedade. A maior preocupação dele é o social humano e a forma de poder colaborar no desenvolvimento cultural da humanidade.

O escritor foi um estudioso capaz de projetar suas ideias em favor da concretização de um projeto estético, que visava discutir a linguagem e a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte, assim como formar uma literatura nacional, redescobrindo o país, renovando os procedimentos literários. Luciana Afonso Gonçalves, retomando Lafetá, afirma que é esse conjunto de qualidades que coloca Mário de Andrade "tão à frente dos homens de sua época". (GONÇALVES, 2006, p. 20).

Entre 1917 e 1922 enfatiza o fator econômico social nas obras, contestando a situação emergente. Em 1923 e 1924, Mário de Andrade concretiza um "romance" psicológico: *Amar, verbo intransitivo, idílio.* Escreve-o entre 1923 e 1924, conclui-o em 1926, e publica-o em

1927; em 1944, republica-o, após ser repensado pelo "experiente e exigente autor" (GONÇALVES, 2006, p. 9). A obra é "fruto de muito tempo de amadurecimento intelectual, pesquisa e reescritura do autor" (GONÇALVES, 2006, p. 9). Foi a primeira obra na qual Mário de Andrade manifestou a preocupação com a identidade do brasileiro, realizando uma denúncia firme e irrepreensível artisticamente, da alienação e da mentalidade colonizada, sendo a primeira manifestação de um projeto estético e ideológico pensado por ele.

Telê Porto Ancona Lopez (1995) escreve, em notas da 16ª edição, sobre o primeiro "romance" de Mário de Andrade: *Amar, verbo intransitivo – idílio,* e esclarece o que há por trás desse enredo, ao qual o próprio Mário não quis nomear de romance, mas de idílio; também informa a relação metafórica entre as palavras que compõem o título, num conjunto, e de maneira fragmentada, o que também provoca sentidos diferenciados e relevantes para uma análise de abordagem psicológica.

Amar, verbo intransitivo, segundo o Lopez, foi classificado como "idílio", não apenas pelo tema que desenvolve, por revelar experimentação e autoproblematização, mas porque em uma história de amor, tematiza a descoberta do amor, e não o seu desenrolar de maneira sensível. O idílio é um gênero antigo que tem origem na literatura bucólica da Grécia; é um poema curto, em cuja composição há traços de ironia e uso de dialetos e tem por finalidade expressar subjetividades. Assim, *Amar, verbo intransitivo* é um texto curto, que tem presente o uso de dialetos e expressa subjetividades.

Ao nomear o idílio, Mário de Andrade classifica amar como verbo intransitivo, referindo-se ao processo inicial de amor que se dá no ser humano: o narcisismo, que é uma forma primitiva de amor, caracterizada pela "indistinção inicial entre sujeito e seu objeto de amor e de apoio" (UBINHA, 2003). O narcisismo primário implica que se admita um estágio do desenvolvimento no qual o ego seja investido, processo ao qual Freud denomina de "autoerotismo", isto é, momento em que o ego precisa de "uma nova ação psíquica", a fim de provocar o narcisismo, explica Paulo de Tarso Ubinha (2003). Essa fase de construção do ego vem a ser fundamental na construção do sujeito, porque é a primeira forma de amor que se manifesta no ser humano. Por isso, amar é verbo intransitivo: não requer objeto, o seu complemento é ele próprio, isto é, o próprio ser.

No idílio, Mário de Andrade também capta a alma da mulher, denunciando a marginalidade dela num mundo marcado pelo poder masculino, e o consequente reflexo disso no ego da personagem principal, a alemã Fräulein.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

Amar, verbo intransitivo não possui capítulos definidos nem numeração de seqüências ou títulos. É um texto de ficção construído por cenas que se apresentam como "flashes", resgatando o passado, ou apresentadas pelo narrador. A separação dos episódios, a mudança do cenário e de espaço, a passagem do tempo são marcados pelo espaçamento padronizado, o qual acentua a ideia de sequência solta e a divisão da narrativa em flagrantes, como numa atmosfera de cinema, interrompidas com digressões, às vezes ambivalentes, que desenham metáforas, com as quais representa cenas construídas pela sua imaginação. O narrar cinematográfico, de romance moderno, combinado com reflexão literária, põe em diálogo várias vozes, tornando esse romance polifônico. *Amar, verbo intransitivo* foi traduzido para o inglês e inspirou o filme de Eduardo Escorel: *Lição de Amor.* É uma obra que foi e continua atual, sendo até mesmo revolucionário, é um grande romance, conforme avaliação de Lopez (1995), mas, infelizmente muito pouco lido e estudado.

Ainda em 1926, Mário de Andrade escreveu *Macunaíma,* para contemplar a diversidade cultural presente na vida do povo brasileiro. João Luiz Lafaté (1990) afirma que a obra não foi somente inspiração, mas também resultado de "longos estudos sobre mitologia indígena e sobre folclore nacional." (LAFATÉ, 1990, p. 67).

Segundo Cavalcanti Proença (1987, p. 7), Mário teve dificuldade em nomear esse livro, porque ele não era igual a nenhum outro na estrutura e, quanto ao conteúdo, havia fusão de temas diversos e afins, semelhante ao que os rapsodos gregos faziam. Por essa razão, chamou-o de "rapsódia"; e seu título: *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, por ser Makunaima, o herói principal dos mitos indígenas brasileiros.

Cavalcanti Proença avalia:

> [...] estamos diante de um livro que se tornará histórico como realização artística das mais extraordinárias, como uma fusão de elementos folclóricos que são a alma de um povo, um livro que viverá enquanto viver esse povo [...] é um livro espantoso [...] pela erudição e artesanato, como nenhum outro em nossa literatura. (PROENÇA, 1987, p. 16-17) Ainda os que detestaram o livro, por incompreensão, hão de ter um momento qualquer em que se sintam atraídos por alguma aventura, algum episódio [...] que ficará na memória [...] é essa a maravilhosa força do livro. (PROENÇA, 1987, p. 24).

Acrescentou ainda:

> Na seleção dos próprios mitos, a escolha não foi por acaso, nem pela beleza poética, nem para se ajustar ao enredo. A grande maioria consta de motivos existentes em lendas e mitos de mais de uma tribo. [...] Mário de Andrade fundiu vários do mesmo tema. (PROENÇA, 1987, p. 19).

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

As características e o nome do personagem principal, Macunaíma, e de seus irmãos foi inspirado no mito de Makunaima, colhido pelo etnólogo Koch Grümberg, segundo Cassiane Ladeira da Silva Araújo (2010, p. 3). O caráter lendário da obra vinha ao encontro da intenção de Mário de Andrade de não caracterizar as regiões brasileiras: escolheu um mito que faz parte da cultura indígena em todo o território nacional brasileiro. O autor confessa que, misturou completamente o Brasil: lendas do norte ele pôs no sul, colocou plantas e animais do sul no norte e vice-versa, a fim de não regionalizar o país (CUNHA, 2009, p. 51-52).

O que Mário de Andrade quis ao escolher Macunaíma como herói de "nossa gente", "sem caráter", isto é, sem traço definido, foi mostrar a ausência de identidade que se encontra ao se tentar definir o que é o Brasil, e como o brasileiro se vê, o que ele pensa de si mesmo, tendo em vista a diversidade de tipos físicos e culturais dos quais se compõem o povo brasileiro. (CARVALHO, 1997, p. 55).

Mas, foram essas construções heterogêneas que o crítico Haroldo de Campos valorizou, ao perceber que a fábula do livro segue um modelo de estruturação semelhante ao dos contos folclóricos, criando dessa forma "uma obra de arte" (LAFETÁ, 1990, p.82).
Macunaíma, segundo Cunha,

> 'uniu projeto estético e projeto ideológico', os quais ligados entre si formam um livro 'internacional e cheio de ressonâncias', [...] ' a partir de uma combinação infinita de textos preexistentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira'(CUNHA, 2009, p. 20).

Não é por acaso que é uma das obras brasileiras que mais intrigam a crítica literária, uma vez que analisar *Macunaíma "*pressupõem fazer um diagnóstico do Brasil, cujas interpretações se cruzam e entrecruzam, atuam e reagem umas sobre as outras, ora prolongando ora opondo-se" (CUNHA, 2009, p. 48).

Segundo Daniel Faria (2006), muito da riqueza literária de *Macunaíma* provém da ambiguidade que há entre a pesquisa científica, a criação lúdica e as possíveis interpretações da realidade nacional a partir do que consta no livro.

Cassiane L. da Silva Araújo (2010, p. 4) reforça a razão de o brasileiro não ter clara, definida sua identidade: ao brasileiro não foi "dado o direito de se expressar na língua e cultura maternas, sendo que na maioria das vezes nem mesmo conhecia seu progenitor." Por essa razão é que ela esclarece retomando as reflexões de Gambini (1999, p.129) 'Quem não

sabe quem é, ora é uma coisa, ora é outra, nunca junta tudo para criar alguém com um caráter. Na ausência de caráter entra o oportunismo' (GAMBINI, 1999, p. 129). É o que se percebe em *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Porém o personagem é muito mais que um oportunista: "Macunaíma tem nas mãos o poder de operar a integração entre as três etnias formadoras do brasileiro" (ARAÚJO, 2010, p. 4-5).

Há um interesse crescente pelo livro porque a cada leitura se pode fazer uma releitura. "*Macunaíma* foi transformado em poema, em filme, em peça em samba-enredo e desfile de escola de samba, [...] foi adaptado para séries de televisão, história em quadrinhos, notícias de jornais, jogos de computador, artigos científicos, canções, epistolografia, etc. (MACARIO, 2006, p.12).

Atualmente conhecer o livro faz parte do repertório cultural de todas as pessoas que queiram fazer reflexões de cunho nacionalista. A maior das riquezas de *Macunaíma* é que ele pode ser lido tanto para procurar a identidade nacional, como para não encontrá-la. Pode ser interpretado como um retrato do país acabado, ou como um país em marcha, "com muito peso nos ombros suando resina [...] mas também transpirando aromas" (CUNHA, 2009, p. 146). Pela narrativa contada passa ciência, psicologia, tradição, história e lenda.

LITERATURA E PSICANÁLISE

A literatura é a arte da palavra. Sendo produção individual, manifesta o processo mental responsável pela construção da narrativa. Em vista disso, cada obra literária é única, embora contenha relação com o coletivo, porque o ser humano não vive só, assim como os processos mentais são influenciados, em parte, pelo meio cultural no qual o indivíduo está inserido, que pertence ao coletivo. Sob esse viés, então, a linguagem é considerada algo maior do que o produto da reflexão da mente consciente, do mundo visto, ou ainda, da expressão da personalidade. A linguagem é a manifestação dos processos mentais conscientes e inconscientes, de cujo processo se vale a arte no geral, e assim, a literatura.

Após as descobertas científicas ocorridas ao final do século XIX e durante o século XX, relacionadas à Psicanálise, principalmente de Sigmund Freud, o mundo recebeu uma explicação científica sobre a maneira do funcionamento da mente humana, aplicada à linguagem que o corpo manifesta conscientemente, à linguagem que está vinculada ao inconsciente e que se manifesta em sintomas, e também à linguagem vinculada aos dois sistemas (consciente e inconsciente), que são os afetos, que se revelam durante todo o tempo

em que há vida. A partir do resultado dessas pesquisas realizadas, passou-se a compreender que a linguagem é a chave do conhecimento de cada um e também do mundo. No entanto, essa interpretação se bifurca, levando a duas novas compreensões: a dos estruturalistas e a dos pós-estruturalistas.

Os estruturalistas visam "fornecer parâmetros científicos na análise de narrativas" (BONICCI, 2009, p.145). Para isso, defendem que há uma estrutura comum a todas as narrativas e que a interpretação delas não depende do indivíduo, "mas do sistema de linguagem do indivíduo" (BONICCI, 2009, p.145). O linguista e filósofo Ferdinand de Saussure fornece uma estrutura para explicar o sistema em torno do qual se organiza a linguagem, apresentando-a em duas dimensões: a da língua, que contém a estrutura, parte estável; e a da fala, que contém a parte que varia, conforme os falantes, mas que se mantém associada à estrutura fixa.

Já os pós-estruturalistas acreditam em "que o indivíduo é formado por estruturas sociológicas, psicológicas e linguísticas sobre as quais ele não tem nenhum controle, mas que poderiam ser descobertas por métodos investigatórios" (BONICCI, 2009. p. 146). Sob esse olhar, todo significado é relativo, porque "o relacionamento entre o texto e seu significado é apenas aproximado, resvalado e ambíguo" (BONICCI, 2009, p. 146) não sendo possível dar uma interpretação completa e definitiva, por isso é empregada a desconstrução "como uma técnica para revelar as múltiplas interpretações de um texto" (BONICCI, 2009, p.146).

Assim, a linguagem sendo a chave para a compreensão do indivíduo e do mundo, se manifesta também na construção da obra literária. Em vista disso, há atualmente estudiosos que defendem ambas as correntes, a voltada à estrutura fixa da língua ou àquela voltada ao sistema inconsciente. No entanto, nesse artigo, será abordada a literatura como sendo a manifestação da segunda.

Sob esse viés, a literatura, entre outras definições, é a manifestação verbal de um processo criativo mental, isto é, a imaginação estruturada em linguagem, sendo, por isso, uma forma de representação das estruturas que compõem um indivíduo. Roland Barthes define a literatura como "uma mensagem da significação das coisas e não o significado das coisas" (BONICCI, 2009, p. 148). Ou ainda, consoante o mesmo autor, "toda escrita é uma impostura que ele [o escritor] tenta transformá-la em jogo" (BONICCI, 2009, p. 148); um jogo de significados, cabendo a cada leitor dar o sentido que melhor cabe, a partir da situação em que se encontra e das condições de que dispõe.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

Bonicci também afirma que "a literatura é um lugar no qual a relação com a própria identidade é fundamental para se compreender o sentido de um texto" (BONICCI, 2009, p. 204). Isso significa que o leitor dialoga inteiramente e durante todo o tempo com o texto, sendo fundamental nessa relação o que cada um tem internalizado. A partir desses conceitos de literatura, compreende-se que, na construção dos sentidos para os textos, existe lugar para o subjetivo porque a narrativa, ao ser construída, obedece a um processo mental, e ao ser lida, a tantos quantos forem os leitores. Havendo, dessa forma, ligação estreita entre Literatura e a Psicanálise, por meio da construção de significados, ou seja, por meio da linguagem. Sigmund Freud explica o processo da linguagem inconsciente e Mário de Andrade, o da construção da narrativa, aproximada ao da linguagem inconsciente.

Na visão psicanalítica, de Freud, a relação entre linguagem e expressão ocorre por meio de um processo inconsciente, o qual se articula "de forma específica, estranha à linguagem que falamos" (BARTUCCI, 2009, p. 190), porque se estrutura a partir de símbolos, e se manifesta em sintomas: os chistes, os atos falhos, as obras de arte e os sonhos. O aparelho mental trabalha sob o "princípio da constância", isto é, atua "no sentido de manter baixa a quantidade de excitação" (FREUD,1996, p.19) o que produz sensação de prazer, enquanto que estímulos externos e internos produzem ao cérebro sensação de desprazer.

Como os níveis de excitação oscilam, surge uma "diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, [o] que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas [...] pressiona sempre para frente, indomado" (FREUD,1996, p.52-53) é a pulsão de vida e a pulsão de morte. Em meio a esse processo de pulsão, que faz parte do ser humano, está o sujeito se revelando pela linguagem dos afetos e pelo trabalho desenvolvido pela consciência.

Ainda, segundo Freud, na dinâmica mental do ser humano "existem ideias ou processos mentais muito poderosos" (FREUD,1996, p.28) os quais, por meio da repressão, mantêm afastados do sistema consciente o representante ideal da pulsão, que é causa de desprazer. Em vista disso, pode-se dizer que o "reprimido é [...] o protótipo do inconsciente" (FREUD,1996, p.28) embora o inconsciente se divida em dois: "um que é latente, mas capaz de tornar-se consciente, e outro que é reprimido e não é, em si próprio e sem mais trabalho, capaz de tornar-se consciente" (FREUD, 1996, p. 28). Apesar de o reprimido ser inconsciente, o inconsciente não é todo reprimido. Em vista disso, há só um modo de se conhecer o inconsciente "tornando-o consciente" (FREUD, 1996, p.33), mas atentando-se a dois

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

aspectos. Primeiramente é necessário considerar que "a consciência é a superfície do aparelho mental" (FREUD, 1996, p.33) ou seja, é o primeiro sistema a ser atingido a partir do mundo externo, porque todas as sensações e sentimentos que são recebidos de fora e de dentro são conscientes, desde o princípio, conforme Freud (1996, p. 33). Em segundo lugar, que os processos de pensamento ocorrem devido a um deslocamento de energia mental, efetuados em algum lugar do aparelho mental, ao se dirigir à ação. No entanto não é sabido se a consciência abre caminho até eles ou se são eles que geram a consciência. Todavia, o que se sabe é que as ideias do inconsciente são geradas a partir de "algum material que permanece desconhecido" (FREUD, 1996, p.34), enquanto que as ideias do pré-consciente são "colocada[s] em vinculação com representações verbais"(FREUD, 1996, p.34).

A partir dessa explicação de Freud, tem-se claro que a divisa entre o inconsciente e o pré-consciente é a linguagem verbal. O pré-consciente trabalha duplamente: ora transforma a linguagem em palavras, para ir ao mundo consciente, ora a codifica em símbolos, para abastecer o inconsciente. Esse processo realizado pelo pré-consciente explica como o inconsciente pode se tornar consciente, e vice-versa, uma vez que as "representações verbais são resíduos de lembranças" (FREUD, 1996, p.34) que primeiramente foram percepções, mas, que podem se tornar conscientes novamente. Os sentimentos provêm do interior e, por não passarem pela censura, são considerados outra linguagem, da ordem do consciente e do inconsciente, enquanto que a verbal se manifesta após passar pela peneira da censura. Quando em uma situação ocorre um lapso de linguagem, é porque o sentimento falou mais alto ou mais rápido do que a censura, que deveria ter se manifestado.

Assim, conhecendo-se o processo de organização do pensamento, compreende-se o de narrar, uma vez que a linguagem verbal, carregada de afetos é comum aos dois. Apesar de se saber que os afetos são capazes de comandar o pensamento, o pensamento não tem poder de controlar os afetos, a ser que o pensamento tenha se transformado em linguagem verbal, adquirindo assim força capaz de provocar sentimentos por meio da leitura dessa manifestação verbal. A leitura que pode ser feita do texto, carrega e provoca afetos, e quanto mais próximo da fala, mais sensitivo se torna, a ponto de poder ser responsável pelo encadeamento da narrativa.

Conhecendo esse processo, Mário de Andrade, em *Amar, verbo intransitivo* emprega a linguagem coloquial, emprega várias metáforas para explicar o poder da linguagem.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

LITERATURA E MITO

Não apenas porque era grande o interesse por música, por mitos, por folclore, por psicanálise, pela forma como se estrutura a linguagem e, principalmente, pelo processo criador é que Mário de Andrade utiliza como material para construção narrativa de Macunaíma mitos indígenas, lendas do folclore, músicas e palavras da linguagem oral brasileira, mas principalmente porque esse material é o mais remoto que existe, e por isso mais amplo em significação, atributo necessário ao elemento empregado na construção de sentido. Além disso, também porque essas histórias ainda vivem e atuam na cultura brasileira; e Mário de Andrade trabalha com material vivo, que se movimenta, que sofre influência, que influencia, que cria corpo, que se evapora, que se levanta, que cai, que tem poder, que é calado, que é moldável, que se disfarça, que se revela, que se esconde, enfim, que é linguagem.

Pensando sob esse viés, Mário de Andrade, utiliza a linguagem literária para explicar ela mesma, isto é, com o material mítico brasileiro, cria outro mito transfigurado em personagem: o Macunaíma. Macunaíma é a figura da vida humana, na forma mais rudimentar, por isso, age como linguagem, nas suas constantes mutações, e também como pulsão: os impulsos de vida e morte se movimentam e tomam duplo corpo, de linguagem, porque falam, e de ser, porque agem. Macunaíma, ao mesmo tempo em que é algo, já não o é, exatamente como ocorre com o sentido: assim que foi pronunciado, já não é mais aquilo, é mais, ou menos, mas não a mesma coisa, porque ao passar para o campo do outro, adquire outro valor.

Joseph Campbell (1997, p. 6), em *O poder do mito,* evidencia a importância dos mitos, ao declarar que "mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana", uma vez que ensinam como cada um deve reagir ao se encontrar em situação de crise "de decepção, maravilhamento, fracasso ou sucesso." (CAMPBELL, 1997, p. 16). O conteúdo dos mitos é universal, mas tem em cada cultura uma simbologia própria (ELIADE, 2006, p. 31).

Por exemplo, segundo Araújo (2010, p. 8-10), o mito do homem-deus, filho do Sol, é representado na cultura indígena pelo pajé, o guardião dos conhecimentos sagrados, dos animais, das plantas e dos elementos da natureza, os quais animam e protegem os seres existentes (ARAÚJO, 2010, p. 8-10); e é ilustrado pela figura de Makunaima: equilibrador das forças de oposição, com capacidade de assimilar os poderes espirituais presentes na natureza, empregando-os para curar doenças ou utilizá-los com finalidades maléficas, conforme a necessidade do momento. Makunaima é venerado por sua flexibilidade e

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

criatividade. Tem a função de regular o espírito psíquico coletivo, isto é, os aspectos culturais, por essa razão é um transformador.

É possível que Mário de Andrade, pensando nesse mito, tenha-o considerado perfeito para ilustrar o seu projeto estético, o qual se assemelha à função de Makunaíma: "guardião dos conhecimentos sagrados, os quais animam e protegem os seres existentes [...] equilibrador das forças de oposição [...] tem a função de regular o espírito psíquico coletivo, isto é, os aspectos culturais" por isso seria um transformador (ARAÚJO, 2010).

O PROJETO ESTÉTICO DE MÁRIO DE ANDRADE VERBALIZADO EM DUAS METÁFORAS: *AMAR, VERBO INTRANSITIVO* E *MACUNAÍMA*

Mário de Andrade em *Amar, verbo intransitivo* constrói a narrativa sob a perspectiva da reflexão sobre o ato criador da obra literária, o qual principia na psique e é influenciado pela cultura a que o artista tem contato ou que ele internaliza. O primeiro aspecto a que ele se inclina é sobre os elementos que são empregados na criação da narrativa. No caso de *Amar, verbo intransitivo* os elementos são representações metafóricas, como no sonho. A personagem principal, Fräulein, não é escolhida por acaso, não é em vão que ela é imigrante temporária alemã, professora de piano, de língua estrangeira alemã, e principalmente professora de iniciação sexual, em suma, Fräulein é professora de linguagens, nesse romance/idílio, que tem caráter ideológico.

A caracterização em idílio também é um signo que remonta o princípio das construções narrativas. Mário de Andrade então, já de saída associa literatura e psicanálise no entrelaçamento da estrutura psíquica do ato de narrar e do modelo que há muito havia sido criado, como manifestação de um pensamento que prende pela forma de construção, revelando os aspectos afetivos valorizados culturalmente na época. A classificação em idílio e não romance provocou reflexão sobre o curso que estava tomando a literatura brasileira, sugerindo uma volta ao passado, um retorno ao inconsciente "despoluído" de influências estrangeiras, com poder de criação, próprio do ser humano, o que traria uma criação influente, apesar de genuinamente brasileira.

Mário de Andrade em *Amar, verbo intransitivo* ainda emprega o recurso de aproximar a narrativa da fala, a fim de mostrar que a língua se torna instrumento de comunicação no momento em que serve de veículo ideológico/cultural/afetivo dos falantes. Na perspectiva de

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

Mário de Andrade, parece que a língua deve estar a serviço da expressão das ideias, e principalmente do sentimento que permeia as ações do povo brasileiro. A língua tornar-se, assim, um signo vivo, capaz de transmitir ao longo do tempo a época vivida da maneira como se as pessoas a estivessem presenciando, ou assistindo a ela, como se fosse um filme. O autor aproveita a musicalidade presente nas palavras para mostrar que a língua portuguesa é muito rica na sonoridade, que a fala brasileira contém uma musicalidade característica. Como exemplo disso há o nome da personagem principal Elza/ Fräulein. O som da palavra Fräulein sensibiliza muito mais do que Elza. Elza é dura, fria, enquanto Fräulein sugere aproximação, sedução.Por isso, Elza às vezes é chamada de Fräulein e em outras não.

Outro aspecto abordado pelo autor, que mexe com as inquietações da existência humana é aquele relacionado ao desejo. Mário de Andrade, como escritor, apresenta o desejo de tornar real um desejo, ou tornar um sonho realidade, exemplificando um modelo ético e estético para a criação literária brasileira. Essa situação, marcada pelo desejo faz parte da trama que Mário de Andrade demonstra no processo de construção da obra *Amar, verbo intransitivo*. O autor cria uma narrativa psicológica que pode evidenciar o processo psíquico inconsciente, comprovando o que Freud explica a partir de estudos: a linguagem é a chave para a compreensão de cada um e do universo, que se manifesta por meio dos afetos.

Em *Macunaíma,* Mário de Andrade desencadeia um processo diferente: em vez de partir de uma história montada por metáforas, como fez em *Amar, verbo intransitivo,* exigindo que o leitor as decifre, ele parte do caos para que o leitor as forme, isto é, na primeira obra ele oferece uma história construída de acordo com o mundo inteligível e na segunda, ele relata o todo, em vez de mostrar um trajeto, apenas, mostra vários, o que pode confundir o leitor. Fräulein é linguagem constante, erudita; Macunaíma é formação, curso, linguagem viva. Em *Amar, verbo intransitivo* o escritor joga com elementos externos europeus inseridos na cultura familiar brasileira, enquanto que em Macunaíma, ele brinca com peças brasileiras oriundas da tradição popular e oral, as quais fazem parte da cultura familiar brasileira.

Em *Amar, verbo intransitivo,* o autor experimenta lançar um desafio nacional aos escritores brasileiros, puxando-os pelo viés místico, enquanto que em Macunaíma, pelo mítico, isto é, (observando-se as datas, percebe-se que esses dois livros fazem mesmo parte do projeto estético de Mário de Andrade, porque foram escritos quase que simultaneamente: o primeiro, em 1923 e 1924, mas concluído em 1926 e publicado em 1927; e Macunaíma foi

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015.
Aceito em: 27 jul. 2015.

escrito em 1926), com *Amar, verbo intransitivo* ele lança o olhar para além do mito que criou com Macunaíma (talvez tenha sido esta a razão pela qual ele interrompeu *Amar, verbo intransitivo* para escrever *Macunaíma:* ilustrar um mito para contrapô-lo ao pensamento místico que ele abordaria em *Amar, verbo intransitivo).*

A ruptura entre essas duas formas de compreender o mundo Mário de Andrade assinala nas duas obras com a retomada de dois termos gregos idílio/rapsódia, talvez para dar algumas pistas à sua intenção de conduzir os escritores brasileiros a observar o mundo de forma mais profunda, como os gregos, e orientar a produção artística nos moldes gregos, mas com material brasileiro.

Com *Macunaíma*, Mário de Andrade mostrou o potencial em matéria prima que o Brasil possui, enquanto que em *Amar, verbo intransitivo*, ele representou uma criação baseada no conhecimento científico, prova disso parece ser a presença de um assunto que choca o público da época: a sexualidade, o qual é objeto de estudo de Freud. Assim, com essas duas produções, Mário de Andrade deixou registrado o seu desejo de ir além, como intelectual brasileiro, e, segundo Freud, ao se expressar um desejo, o impulso de vida se manifesta. Então, neste sentido é que se pensou que está presente a vida na obra de Mário de Andrade: como pulsão, como desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise, percebeu-se que os estudos literários são realmente importantes para entender o curso das tendências ideológicas locais, regionais e mundiais, e que com os resultados é possível auxiliar na formação de pessoas mais críticas, evoluídas, capazes de apreciar a arte.

Mário de Andrade, como professor e escritor, realizou esse trabalho em sua trajetória, e foi além, por isso homenageá-lo, neste ano do seu 70º aniversário de morte é um gesto nobre que fortifica ainda mais as referências sobre o seu ideal artístico, o qual tinha como foco o aprimoramento da maneira de utilizar a linguagem.

ABSTRACT

This paper has a target to revise the critical fate by Mário de Andrade, it connecting of the his idyl: *Amar, verbo intransitivo* and his book named *Macunaíma*. Whit the center of

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

interest has the context these books was writed and because this take effect permanent for to diffuse live that came their . Because this, the discovery by Freud and theory of myth helps to evidence how Mario de Andrade was thinking his artistic plan.

KEYWORDS: Mário de Andrade. Critical fate. Freud. Psychoanalysis. Myth.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Rio de Janeiro: Agir: 2008.

ARAÚJO, Cassiane Ladeira da Silva. *A alma ameríndia:* uma leitura jungueana do mito makunaima. Rio de Janeiro: UFJF, 2010. Artigo disponível em: <http://www.ufjf.br.darandina/files/2010/12/A-alma-amer%C3%ADndia-uma-leitura-junguiana-do-mito-makunaima.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2010.

BIRMAN, Joel. A escrita em Psicanálise. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). *Psicanálise, literatura e estética da subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária*: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem UEM, 2009.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito.* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athenas, 1997.

CARVALHO, Silvia M. S. Macunaíma, Maíra e Quarup**.** *Itinerários,* Araraquara: n. 11, 1997. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2610/2271>. Acesso em: 18 jan. 2011.

CUNHA, Jakeline Fernandes. *As várias faces do Brasil:* a imagem do caju em Macunaíma. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada. São Paulo: USP, 2009, 159p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-12032010-172014/fr.php/JAKELINE_FERNANDES_CUNHA.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2011.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade.* São Paulo: Perspectiva, 2006.

FARIA, Daniel. Makunaima e Macunaíma: entre a natureza e a história. *Ver. Bras. Hist.,* São Paulo: v. 26, n. 51, June 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882006000100013&Ing=en&nrm=iso>. Accesso em:18 Jan. 2011.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: A interpretação dos sonhos (primeira parte). Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAFETÁ, João Luiz. *Literatura Comentada.* São Paulo: Nova Cultural, 1990.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Amar, verbo intransitivo:* Idílio. 16. ed. Rio de Janeiro: Martins, 1995. Disponível em http://www.feocruz.edu.br/enade/poesias/amar_verbo_ intransitivo.pdf. Acesso em: 19 ago.2011.

MACARIO, Leonardo Côrtes. *Um outro Macunaíma:* a recriação da rapsódia na trajetória do cinema brasileiro. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Niterói: RJ, UFF, 2006, 163p. Disponível em: <http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2009-10-01T143358Z-2239>. Acesso em: 18 jan. 2010.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

UBINHA, Paulo de Tarso; ROOSERVET, Moíses Smeke Cassorla. Estudo: *Narciso:* polimorfismo das versões e interpretações psicanalíticas do mito. *Rev. Estudos de Psicologia,* PUC-Campinas, v. 20, n. 3, p. 69-81, set./dez. 2003.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 80-95, ago. 2015. Recebido em: 20 maio 2015. Aceito em: 27 jul. 2015.